

## A Ética da Terra

### **Refazenda**

*Gilberto Gil • 1975*

Abacateiro  
Acataremos teu ato  
Nós também somos do mato  
Como o pato e o leão  
Aguardaremos  
Brincaremos no regato  
Até que nos tragam frutos  
Teu amor, teu coração  
Abacateiro  
Teu recolhimento é justamente  
O significado  
Da palavra temporão  
Enquanto o tempo  
Não trouxe teu  
abacate  
Amanhecerá tomate  
E anoitecerá mamão  
Abacateiro  
Sabes ao que estou me referindo  
Porque todo  
tamarindo tem  
O seu agosto azedo  
Cedo, antes que o  
janeiro  
Doce manga venha ser também  
Abacateiro  
Serás meu parceiro  
solitário  
Nesse itinerário  
Da leveza pelo ar  
Abacateiro  
Saiba que na refazenda  
Tu me ensina a fazer renda  
Que eu te ensino a namorar  
Refazendo tudo  
Refazenda  
Refazenda toda  
Guariroba

Em junho, quando se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente e se renovam as esperanças na Conferência dos Oceanos da ONU, surge uma oportunidade de refletir sobre o lugar que ocupamos no mundo. As queimadas nas florestas, o gelo que se vai calado, o mar que muda de cor e de humor — tudo isso não é apenas um aviso da ciência ou um sinal de previsão: é o mundo dizendo que desaprendemos a escutá-lo. São também retratos de uma

perda de valores que antes pareciam guardados com mais zelo — como o cuidado com o que vem depois de nós.

A agonia da Terra, nas marés desreguladas ou nas estações que já não cumprem o combinado, revela, com certa melancolia, o quanto nos afastamos de nós mesmos. Há tempos não escutamos os sinais do tempo. Na pressa de desejos imediatos, pouco a pouco naturalizamos a lógica do excesso: extrair além do necessário, consumir sem critério, descartar com indiferença — como se os recursos fossem infinitos.

No serviço público, ética também é saber usar com parcimônia o que se tem. Pepe Mujica dizia que a liberdade começa quando nos despedimos do excesso: viver “com o suficiente para que as coisas não me roubem a liberdade”. E tinha razão. Gastar menos não é sovínice — é gentileza com quem vem depois. Cada recurso que se guarda é um gesto de cuidado, não com a conta, mas com os que dividem este mundo conosco. E, quando ele lembrava que pagamos as coisas com o tempo da nossa vida, dizia aquilo que sabemos, mas raramente nos permitimos sentir: tempo não se acumula e não aceita troca.

O Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal (Decreto nº 1.171/94) nos lembra que: “causar dano a qualquer bem pertencente ao patrimônio público, deteriorando-o, por descuido ou má vontade, não constitui apenas uma ofensa ao equipamento e às instalações ou ao Estado, mas a todos os homens [e as mulheres] de boa vontade que dedicaram sua inteligência, seu tempo, suas esperanças e seus esforços para construí-los”. Assim, cuidar do que é do coletivo é um jeito de devolver à vida um pouco da dignidade que ela nos empresta. Escolher o que é sustentável e estender a mão ao próximo é como dizer: “estou aqui cuidando do que é seu também”. Preservar o que é público é guardar memória e compromisso num mesmo gesto. Esses valores, que às vezes parecem grandes demais para o nosso cotidiano, começam nos gestos miúdos. No mesmo sentido, a ética não se mede pelo tamanho dos atos, mas pela coerência com que cuidamos do que é da sociedade. E cuidar, como se sabe, é uma das formas mais simples, e mais sérias, de civilização.

É também essa delicadeza silenciosa, feita de atenção e respeito, que se vê nas imagens de Sebastião Salgado, no Projeto Gênesis, em que fotografou o mundo

# MINUTO DA ÉTICA

Junho 2025

que ainda não desaprendeu a ser mundo. Suas lentes revelaram ambientes onde a pressa ainda não passou, onde o barulho da máquina ainda não venceu o som do vento. Viu geleiras como páginas em branco, desertos com ar de eternidade, matas que cochicham e povos que vivem em voz baixa, como se desconfiassem do futuro. Cada fotografia é um lembrete: não estamos acima da natureza — estamos dentro. As imagens de Salgado são sinais de um tempo em que o mundo ainda falava por si, sem tradução. E há nisso tudo uma esperança antiga: a de que ainda é possível habitar o mundo com comedimento. Essa esperança nos pede uma humildade que talvez só se aprenda ao escutar o som da Terra — aquele som fundo, feito barulho de mar dentro de uma concha.

Essa escuta também pode se dar no cotidiano mais modesto do serviço público: na pausa sem pressa para o café, numa breve caminhada depois do almoço, num pedaço de pão caseiro repartido entre colegas, no hábito de frequentar feiras orgânicas de produtores locais ou num diálogo sem pauta — desses que valem mais pela presença do que pelas palavras. Esses pequenos gestos ajustam o tom com que pisamos no mundo. E é nesse compasso, mais contido e mais gentil, que mora a parte mais decente da civilização.

Caso tenha dúvidas ou queira compartilhar boas práticas para um serviço público mais zeloso, nossa Comissão de Ética Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) está à disposição.